



Ambiente Acessível, Sociedade Inclusiva

Webinar, 9 maggio 2021

United World Week 2021

Apertura

Descrição das imagens: na tela de abertura do evento, o título do projeto, Ambiente Acessível, Sociedade Inclusiva, aparece nas cinco línguas de tradução: Vemos também os contatos: www.aeis.cloud e info@aeis.cloud. Na sequência aparece a imagem de uma cidade com cores vibrantes, ao fundo montanhas e no primeiro plano estão muitas pessoas, todas diferentes: crianças jovens, casais, idosos, negros, brancos, gestantes, uma mulher cega e um jovem em cadeira de rodas.

Um breve vídeo demonstra como localizar as legendas para tradução em diferentes línguas: inglês, espanhol, português, italiano, francês.

Uma bola de papel amassado se abre e o branco ocupa a tela. Uma jovem negra segura uma caixa de papel na mão, alguns jovens juntam o lixo que está em um gramado, jovens em passeata erguem um cartaz que diz justiça e paz. Aparecem diferentes pessoas de varias partes do mundo, uma a uma, elas dizem palavras, em suas línguas, as palavras são escritas sobre seus rostos e se referem ao tema: cuidado, atenção, proteção.

Aparecem a frase "Dare to Care" e o logo de la Semana Mundo Unido

Introdução

Rita Bersch (Porto Alegre, Brasil) e Renzo Andrich (Belluno, Itália)

RITA:

Olá a todos!

RENZO:

Olá a todos!

RITA:

Meu nome é Rita, sou de Porto Alegre, no sul do Brasil. Sou casada com Zeca, e temos três filhas: Clara, Marta e Sofia. Sou uma mulher de pele clara cabelos lisos, castanhos claros até o ombro. Uso óculos, tenho olhos verdes, estou em minha casa e atrás de mim tem uma parede com uma cortina branca.

RENZO:

Meu nome é Renzo, sou de Belluno, no norte da Itália. Sou casado, com Lucia, temos quatro filhos. Tenho cerca de um metro e 80 de altura, uso óculos e tenho cabelo prateado como se encaixa na minha idade (66 anos).

RITA:

Neste webinar apresentamos um projeto, intitulado "Ambiente Acessível, Sociedade Inclusiva". Dentro do grande tema da ecologia integral, em que as questões ambientais estão entrelaçadas com aquelas relativas ao desenvolvimento humano, a sustentabilidade do tecido social e a qualidade das relações humanas, não podemos deixar de notar a presença no mundo das desigualdades e dos desequilíbrios que excluem tantas pessoas da participação plena na sociedade. Entre elas estão a presença de barreiras que dificultam pessoas com deficiência, idosos com dificuldades, pessoas mesmo temporariamente em situações de fragilidade. Barreiras muitas vezes feitas pelo homem devido à falta de consciência; barreiras que tornam nossas comunidades excludentes ao invés de inclusivas.

RENZO:

Então, o que propomos com esse projeto? Pretendemos contribuir para a disseminação de uma cultura de acessibilidade do meio ambiente, da ideia de um mundo em que ninguém, independentemente de sua condição física ou cognitiva, encontre barreiras mais arquitetônicas ou tecnológicas ou sociais que possam afetar sua mobilidade, limitar suas relações, impedir sua plena realização como pessoa e como cidadão. Essa ideia de um ambiente acessível não pode mais se limitar à utopia. Hoje, no início do terceiro milênio, esse sonho deve se tornar realidade: é um pré-requisito para a realização de uma sociedade inclusiva.

RITA:

Na minha profissão – Sou fisioterapeuta, lido com tecnologia assistiva, ou seja, ferramentas para a autonomia das pessoas com deficiência . Vejo como ainda é difícil para muitas pessoas em determinadas partes do mundo ter as tecnologias necessárias para suas necessidades de mobilidade, cuidados pessoais, comunicação e vida cotidiana. Eu também trabalhando no mundo da escola, vejo como falta de acessibilidade de tantos prédios escolares e a dificuldade de ter acesso a recursos específicos, muitas vezes, prejudica o direito à educação.

RENZO:

É verdade. Eu também, como engenheiro que sempre lidou com essas tecnologias, entendo o quanto elas podem resolver tantos problemas práticos que uma pessoa com deficiência encontra na vida cotidiana. Mas muitas vezes tudo pode ser impedido por uma barreira! Mesmo tendo uma cadeira de rodas motorizada, super sofisticada, eu paro em frente a uma escada; se eu sou cego, por mais moderno que sejam meus recursos de informática, que me permitem usar o computador, eu paro na frente de um site da internet que não é projetado de forma acessível.

RITA:

Então, na verdade, temos um “doente para tratar”, que é a sociedade. É de fato a sociedade, com suas barreiras, que torna a deficiência um problema. O que você acha?

RENZO:

Sim, isso mesmo. Mas vamos fazer um pequeno tour pelo mundo para refletir sobre esta questão.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Belluno (Itália) à Mumbai (Índia).

Primeira entrevista

Renzo Andrich e Rozelle Rebello Mumbai (Índia).

Descrição da imagem: Rozelle possui os cabelos pretos, presos, a pele morena, ela usa óculos e veste blusa laranja. No decorrer da entrevista aparecem fotografias: Rozelle sentada com sua irmã gêmea Rachel sobre um gramado, ela fazendo pulseiras artesanais e coloridas, jovens posicionados em círculo juntam suas mãos e mostram as pulseiras coloridas.

ROZELLE:

Olá Renzo, sou Rozelle Rebello, de Mumbai, Índia. Mesmo que eu tenha habilidades diferentes, fui amada e aceita por minha família. Aos 13 anos fiz uma cirurgia na perna, que, infelizmente, deixou minha perna esquerda não totalmente funcional, limitando ainda mais minha mobilidade. Perdi meu pai em 2018, mas isso não me afastou de perseguir minhas aspirações em poesia e na criação de pulseiras artesanais.

RENZO:

Pela sua experiência eu entendo que era muito importante para você ter uma família que te apoiou e uma rede de grandes amigos. No entanto, a sociedade ainda tem muitas barreiras. Qual é a sua mensagem sobre isso?

ROZELLE

Renzo, obrigado por sua pergunta. Eu gostaria de responder com um poema curto que escrevi recentemente.

“Através do nosso agir e do nosso olhar sobre as coisas, nós entendemos,

que uma sociedade inclusiva está ao nosso alcance.

Ela deve mudar uma mentalidade baseada em estereótipos,

para ser capaz de esperar por um ambiente acessível.
Como cidadãos no mundo,
nossas vozes de inclusão e acessibilidade devem ser ouvidas por todos.”

RENZO:

Muito obrigado por sua mensagem!

ROZELLE:

Obrigado Renzo, foi um prazer.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Mumbai (Índia) para Veneza (Itália).

Segunda entrevista

Renzo Andrich e Stefano Maurizio (Veneza, Itália)

Descrição da imagem: Stefano possui a pele clara, é calvo, possui cabelos e barba branca, está diante de uma estante de livros e veste blusa bege.

Durante sua fala vemos uma sequência de fotografias: uma imagem noturna da cidade de Veneza onde as luzes realçam as construções antigas e um grande número de pequenos barcos sobre as águas do mar. A praça São Marcos com sua torre central está vazia. Canais de Veneza com o casario colorido e barcos. Fotografia de Stefano circulando em sua cadeira motorizada do tipo Scooter e cadeira de rodas simples. Uma imagem mostra o projeto de uma rampa que dá acesso aos barcos. Stefano fala em conferências, em uma delas vemos projetada a frase: Turismo e esporte – acessibilidade e inclusão, oportunidade possível. Desenhos apresentam outros projetos arquitetônicos que propõem acessibilidade em Veneza.

RENZO:

Stefano Maurizio vive em Veneza, uma cidade que não precisa de apresentação, joia italiana conhecida em todo o mundo. Você é arquiteto. Diga algo mais sobre você .

STEFANO:

Sim, eu sou Stefano, eu sou um arquiteto, eu tenho sessenta anos de idade (infelizmente!). Eu uso uma cadeira de rodas para me locomover mas talvez o maior problema seja um leve excesso de peso, o que torna mais difícil para mim participar de canteiros de obras e ir velejar, que é uma das minhas paixões, minha paixão mais importante.

Tive um acidente quando tinha 25 anos, muito jovem, e então eu continuei (eu já tinha começado a estudar arquitetura) continuei a estudar arquitetura com essa visão, com essa perspectiva de tentar melhorar a qualidade do ambiente urbano, do que se projeta geralmente.

RENZO:

Então Stefano, em sua experiência como arquiteto como se faz para projetar de forma acessível?

STEFANO:

Talvez seja uma questão de "cabeça": as barreiras arquitetônica ou a acessibilidade estão dentro de nossos cérebros, em seguida, na folha de papel ou em seu computador não existem barreiras arquitetônicas, e a abordagem inicial é importante, ou seja, ter uma cabeça que pensa de forma acessível. Isso pode ser uma indicação para jovens arquitetos e projetistas.

A importância da acessibilidade: passando também a idade, passando os anos ela se torna cada vez mais importante. É algo que realmente afeta a todos. Na minha profissão você vê um monte pessoas de uma certa idade que, por exemplo, saem de suas casas ou das casas onde viveram por muitos anos porque, em uma certa idade é um pouco mais difícil reconhecer cores ou mover-se ao longo de um lance de escadas, em vez de ter um elevador ou uma rampa que torna mais fácil fazer movimentos mesmo para aqueles que se movem sobre rodas.

Esta conversa de “sobre rodas” está se tornando algo importante mesmo nos espaços urbanos: quão importante é hoje levar em conta os movimentos do skates, da scooter elétrica, da maioria das pessoas que usam espaços públicos com veículos com rodas mais ou menos pequenas, mais ou menos rápidas.

RENZO:

Vou me inserir um momento porque me parece que você está dizendo algo realmente fundamental, que é: eu engenheiro, tu arquiteto, eu designer, nós temos uma grande responsabilidade, porque podemos criar inclusão ou exclusão dependendo de como projetamos um espaço, um produto, um instrumento.

Vem em mente esse lema que muitas vezes mencionamos quando estamos entre colegas: "*Good design enables, bad design disables*" - "Um bom design o torna hábil, um design ruim o torna não hábil " ou seja: "um bom design faz você ser habilidoso, design pobre o torna deficiente.

Na verdade, como muitas vezes dizemos, e como também enfatizado por a Organização Mundial da Saúde, a deficiência não é um "atributo" da pessoa, mas uma "situação" onde eu posso me encontrar quando meu limite conflita com alguma barreira. Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência não diz "deficientes", mas diz "Pessoa com Deficiência: então uma pessoa, com todas as suas dimensões, que tem uma deficiência no momento em que ela encontra barreiras.

Stefano, que mensagem você gostaria de dar no que diz respeito a essa responsabilidade que nós técnicos temos? Que mensagem acima de tudo para as novas gerações e para quem estuda Arquitetura, Engenharia ou Design?

STEFANO:

Ocupando esses conceitos fundamentais de Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a outra Convenção (OMS) sobre o funcionamento humano, que adiciona o olhar que a incapacidade pode ser aumentada ou diminuída dependendo das condições do ambiente circundante.

Como foi dito antes: em pensar e projetar qualquer coisa, a partir da colher para a cidade (parafrazeando uma exposição de arquitetura de alguns anos atrás) é importante levar em conta a maioria das pessoas sei que você pode melhorar, em seguida, tornar a vida das pessoas mais fácil ou torná-lo mais difícil em cada ação que todo homem pode fazer. Em particular, nós designers, que, dependendo de como imaginamos o ambiente podemos tornar mais fácil ou mais difícil nossas vidas e a vida de nossos concidadãos.

RENZO:

Obrigado Stefano, por sua contribuição!

STEFANO:

Foi um prazer, olá a todos, adeus.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Veneza (Itália) até Valência (Espanha).

Terceira entrevista

Renzo Andrich e José Agustín Martínez (Valencia, Espanha)

Descrição da imagem: José é um homem calvo, usa óculos e está com uma blusa azul.

RENZO:

Olá José!

JOSÉ:

Olá Renzo!

RENZO:

José Agustín Martínez, a quem saudamos e agradecemos por estar aqui conosco, ele é psicólogo e educador. José trabalha no Instituto de Arte Moderna de Valência, na Espanha. Você pode se perguntar: o que a arte tem a ver com com questões de acessibilidade e inclusão? José, pode nos dizer algo sobre você e seu trabalho?

JOSÉ:

De acordo Renzo. Primeiro eu direi que eu sou uma pessoa que mede em torno um metro e oitenta, uso óculos, sou casado e tenho três filhos, e como você diz que eu dediquei-me à psicologia e à pedagogia.

Eu também fui professor e meu campo profissional tem sido dedicado às artes e às humanidades, no mundo da psicologia clínica na esfera privada, e eu também fui um formador de estudantes e professores.

Já há alguns anos eu tenho trabalhado no museu que você citou. Estou fazendo um trabalho para colocar o museu a disposição para que todo mundo possa ter acessibilidade, para poder ter acesso à cultura. Eu acho que a arte é uma ferramenta de transformação social e, portanto, o museu deve adaptar seus conteúdos para todos os grupos de pessoas. Ou seja, tornar acessível a cultura e a aprendizagem para que possa alcançar todas as pessoas. Para as pessoas com deficiência e especialmente por que há muitas deficiências: há deficiência sensorial, deficiência física, deficiência cognitiva et cetera.

Então nós em nosso museu estamos tentando atender o coletivo surdo fazendo visitas na linguagem de interpretação de sinais língua de sinais para surdos; também estamos tentando fazer visitas táteis para apoio em algumas exposições de museus; estamos, por outro lado, também fazendo outros tipos de percursos mais autônomos também para pessoas cegas, trabalhamos com pessoas com Alzheimer, e nós fizemos escolas de verão para pessoas em risco de exclusão social especialmente os jovens que estão em lares adotivos em residências com famílias.

RENZO:

Obrigado, José. O que você nos disse é muito importante. Também é importante saber que vários institutos culturais ao redor do mundo eles estão se movendo na mesma direção. A cultura é patrimônio mundial não é aceitável que alguém seja excluído dela. Qual é o seu "sonho", que mensagem você gostaria de nos deixar?

JOSÉ:

Com certeza eu estou com você. Cultura deve ser acessível a todos os públicos. Eu acho que é um direito universal de todas as pessoas.

Cada coletivo de pessoas com deficiência têm suas diferentes deficiências e a todas elas nós temos que atender no museu. Temos que saber como comunicar os conteúdos que no museu podem ser adaptados e devem ser adaptados a cada tipo de coletivo. Não me refiro somente às barreiras arquitetônicas, que em nosso museu estamos conseguindo eliminá-las. Quero dizer sobre os conteúdos culturais que devem estar acessíveis a todas as pessoas e fazer o que puder para se adaptar a cada capacidade, dando-lhes as ferramentas possíveis para que eles tenham esse acesso à cultura e possam desfrutá-las no mesmo nível que as demais pessoas.

RENZO:

Muito obrigado, José!

JOSÉ:

Meu sonho seria, permita-me Renzo, obter essa acessibilidade universal, ir em busca do design universal que pode ser acessível a todas as pessoas, mas não apenas no campo da cultura mas em qualquer campo. Eu me movo neste terreno em particular mas eu acho que o ideal seria acessibilidade universal.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Valência (Espanha) até Curitiba (Brasil)

Quarta entrevista

Lúcia Miyake e Geane Poteriko (Curitiba, Brasil)

Descrição da imagem: Maria Lúcia possui traços orientais, cabelos escuros, presos e usa óculos. Ela nos fala da sua casa. Ao seu lado vemos um artesanato com os dizeres: Felicidade / sabedoria / amor. Geane, mãe da Dara, possui a pele e cabelos claros, também usa óculos e fala do interior da biblioteca onde trabalha.

Elas contam a história do surgimento da Associação Dar a Mão que foi criada depois do nascimento da menina Dara, que possui uma deficiência física: a agenesia da mão direita. No transcorrer do diálogo surgem fotografias que ilustram o relato que elas fazem juntas: Dara brincando no parquinho, desenhando, lendo livros de história. Em algumas fotos a Dara está sozinha e em outras, interage com outras crianças. Dara tem os cabelos longos e loiros. Por vezes ela aparece com sua prótese de mão e em outras imagens, não.

Outras crianças com próteses de mão estão andando de bicicleta, brincando e interagindo entre si. Adultos com agenesia de mão ou amputados também estão nas fotografias. Visualizamos próteses muito coloridas e as expressões de rostos felizes.

São apresentados os laboratórios onde profissionais confeccionam as próteses. As próteses são coloridas e possuem desenhos personalizados que lembram os super-heróis (homem de ferro e mulher maravilha).

As imagens também mostram um grupo grande com as famílias e pessoas atendidas pelo projeto em encontros presenciais e encontros de formação.

LÚCIA:

Eu sou Maria Lúcia Miyake Okumura, professora e pesquisadora em tecnologia assistiva. Faço parte do grupo de engenharia de produção e sistemas. Em 2014 eu conheci a Geane.

GEANE:

Eu sou a Geane Poteriko, sou professora e também faço parte do núcleo de pesquisa da Lúcia. Fui inserida nesse contexto da inclusão e da acessibilidade a partir do nascimento da minha filha Dara. Foi uma surpresa muito grande quando eu recebi a minha filha com uma deficiência física, que é a agenesia de mão. Na época eu não tive nenhum suporte e foi nessa ausência que eu recebi um chamado. Eu conheci a Lúcia em 2014, a Dara tinha poucos meses de vida e foi aí que tudo começou.

LÚCIA:

Quando eu conheci a Geane, e recebi vários e-mails dela, vi uma mãe sem apoio nenhum, sem um acolhimento correto, né? E ela visava uma parte faltante da criança.

GEANE:

Eu estava vendo apenas a deficiência do meu bebê, eu apenas via a questão da agenesia e não percebia que ela era uma criança totalmente funcional que iria aprender a fazer absolutamente tudo.

O dispositivo protético 3D na verdade é um recurso para apoiar, para ajudar em determinadas atividades, para trazer mais autonomia junto com a reabilitação física.

E a Lúcia me veio como a pessoa que me estendeu a mão, que te trouxe todo o conhecimento que eu precisava, não só para ajudar a mim mesma mas também ao próximo.

LÚCIA:

Quando eu conheci a Geane comecei a entender que ela tinha um vazio no coração dela e ao mesmo tempo ela tinha uma sede de conhecimento, uma vontade de aprender.

Então a primeira coisa que eu via assim eram várias mães na mesma situação, onde a Geane começou a trabalhar, e eu falei algo assim: "Geane, que tal você trocar a sua experiência com outras mães?"

Desde as dores e também as conquistas de uma criança, hoje são vários pais do Brasil inteiro que estão juntos e eles trocam experiências.

Além disso, no projeto, colocamos também a estrutura de manutenção e confecção das próteses. Colocamos também os profissionais de Tecnologia Assistiva, que são de serviços e também de produtos.

Essa estrutura chegou a uma forma que não comportava mais ser apenas um grupo de pais e sim teve que abrir e fundar a Associação "Dar a Mão".

GEANE:

Que é uma entidade sem fins lucrativos no formato de organização social, e que tem atuação nacional e internacional. Hoje são mais de três mil famílias assistidas diariamente. Nós identificamos as áreas que a família precisa, desde a parte médica até a questão de inclusão educacional, a parte de atendimento mesmo, ou pelo teleatendimento, ou pelo atendimento presencial. Trabalhamos também oferecendo cursos de capacitação.

A nossa rede de voluntariado é muito grande pois está no Brasil inteiro. A Associação Dar a Mão trabalha totalmente de forma voluntária, então nossos profissionais não são remunerados, toda a nossa diretoria, que tem representantes do Brasil inteiro e de outros países, não recebe remuneração, é apenas a solidariedade que move.

Entendemos que a criança consegue fazer absolutamente tudo com o "coto", com o membro com agenesia, a questão principal é a reabilitação, é um apoio para o trabalho de reabilitação.

LÚCIA:

E é com esse dispositivo que ela vai agregar sentido ao dia a dia dela. A personalização auxilia na reabilitação da

criança, ela fica mais animada. Aqui eu tenho uma que é um design feito por um voluntário de Caruarú, Pernambuco, ele fez para uma menina que queria ser a “mulher maravilha” (Wonder Woman).

GEANE:

O que eu realmente quero é que todas essas famílias que chegam até nós saiam dessa condição de dor para ir para a condição de ativismo, de luta pela causa da pessoa com deficiência. Para mim, como propósito de vida, é conseguir chegar em um parquinho e levar minha filha para brincar que ela possa brincar com outras crianças sem ter nenhum tipo de diferenciação, nenhuma atitude de estranheza. Isso pode ser gerado a partir desse amplo movimento de luta, de ativismo, não apenas de falar sobre inclusão, mas de agir neste contexto de inclusão.

LÚCIA:

Temos que viver o outro, né? E conhecer a diversidade da sociedade, isso para compreender as limitações e as especificidades de cada pessoa. Eu acho que essa troca vai nos trazer um mundo melhor.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Curitiba (Brasil) até (Yangon, Myanmar)

Quinta entrevista

Renzo Andrich e Cynthia Khin Htwe Kyi (Yangon, Myanmar)

Descrição da imagem: Cynthia possui traços orientais, possui cabelos escuros e presos, usa óculos e está com blusa amarela.

No transcorrer da conversa apreço a imagem da fachada da Escola Flowers ; crianças ao redor de uma mesa lêem livros de histórias acompanhadas por professoras; brincam juntas, manuseiam plantas, um menino empurra a cadeira de rodas do colega no jardim; escolhem frutas no supermercado, estão juntas numa aula de Karatê, estão em uma sala decorada com enfeites colridos; fazem apresentação em um palco, em frente à escola com roupa de formatura mostram seus diplomas e ainda imagem com a grande equipe de alunos e profissionais.

RENZO:

Cynthia Khin Htwe Kyi é médica. Ela é co-fundadora de "Flowers", que é uma escola e também oferece serviços de assistência a saúde e reabilitação em Myanmar. Cynthia, você pode resumir brevemente para nós a missão e as atividades de sua instituição?

CYNTHIA

Sim. Nossa missão é fornecer educação sólida e sistemática que leva a uma vida feliz e realizada e que dê um bom futuro aos nossos filhos com necessidades especiais, por isso oferecemos avaliação precoce para poder iniciarmos cedo a intervenção precoce; oferecemos também recursos para os pais, profissionais, professores dessas crianças; também trabalhamos com outros setores do governo para estabelecer políticas mais eficientes para essas pessoas.

RENZO:

Isso é interessante. Como começou esse trabalho? Pode nos contar um pouco da sua história?

CYNTHIA:

Sim, é uma longa história. Há 18 anos uma amiga compartilhou comigo suas dificuldades e desafios. Ela tem um filho com autismo. Ela disse que era muito difícil encontrar uma escola em Myanmar.

Naquela época eu estava no Vietnã. Eu decidi: quando eu voltar para Myanmar vou começar um centro de treinamento ou uma escola para essas crianças com deficiência. Então, em 2009, quando voltei, conheci um dos diretores de uma escola pública, e com a ajuda dele começamos em 2010 o nosso centro de educação especial e fisioterapia chamado "Flowers".

Em seguimento, para responder às demandas dos pais e da situação do nosso país estendemos da educação básica para o ensino fundamental. Em 2020, estendemos para o ensino médio.

RENZO:

Maravilhoso. Em sua experiência e no seu ponto de vista, quais são as principais barreiras que pessoas com deficiência encontram na sociedade? Quais obstáculos devem ser removidos para uma sociedade totalmente inclusiva?

CYNTHIA:

Para uma sociedade totalmente inclusiva, encontramos os desafios de falta de recursos humanos para educação especial (professores, profissionais). Outro desafio é a falta de consciência, que é muito crítica para detecção precoce e encaminhamento precoce e intervenção precoce. Temos políticas e leis mas a inclusão não é estabelecida adequadamente e a política do governo não é forte o suficiente para as pessoas com deficiência. Estes são os obstáculos estamos enfrentando agora.

RENZO:

Então sua instituição está fazendo um último trabalho com o empoderamento das pessoas para serem protagonistas ativos na sociedade. Qual é o fator-chave dos resultados que você alcançou até agora? E qual é o seu sonho para o futuro?

CYNTHIA:

Nossa chave é o conceito de "arte de dar", independentemente da raça e da religião. Temos respeito por todas as pessoas, cada criança, cada pai. Nós construímos um senso de família muito forte em função disso. Temos transparência e confiança dentro de nossa organização, entre nossos pais e entre as pessoas com deficiência. Temos nossos filhos em foco. Trabalhamos dia após dia para nossa sociedade se tornar muito unida. Formamos redes e trabalhamos juntos.

Então meu sonho - nosso sonho - para o futuro é todos os nossos filhos possam nutrir uma sociedade totalmente inclusiva que respeita sua identidade e torna possível a vida independente para nossos filhos com deficiência.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Yangon (Myanmar) até Milão (Itália)

Sexta entrevista

Renzo Andrich e Litzy, Fabio e Elena Recalcati

Descrição da imagem: Litzy é uma mulher de pele clara, cabelos curtos, lisos e prateados, ela usa blusa em tons cinza. Fábio é um homem de pele clara, cabelos curtos e prateados, usa óculos e está de blusa azul escuro. Elena é uma jovem com síndrome de Down e está sentada no meio de seus pais. Ela possui cabelos castanhos soltos, até a altura dos ombros, usa óculos e está de blusa amarela. Durante a entrevista são apresentadas fotografias de família, desde quando Elena é pequena até sua adolescência e juventude. Ora ela está com os irmãos (duas irmãs e um irmão) ora com os pais e também com outros amigos.

RENZO:

Litzy e Fabio Recalcati, de Milão, Itália, juntamente com Elena, uma de seus quatro filhos. Obrigado por estarem aqui conosco. Diga-nos brevemente alguma coisa, da história de vocês?

LITZY:

Obrigado! Estamos muito felizes por estar com você.

Eu sou Litzy (62 anos), aqui comigo está o Fabio (67) e tem a Elena (quase 22). Somos casados há 35 anos, já somos avós e nossos três filhos mais velhos já estão fora de casa no entanto Elena vive ainda conosco.

Quando começamos a esperá-la não sabíamos que era Down. Vivemos nove meses de uma gravidez muito normal, infelizmente houveram complicações durante o parto, então imediatamente temíamos muito para ela e sua saúde porque houve um mês de internação, houve tratamento, houve algum problema e nós estávamos com medo de que, além de trisomia houveram danos neurológicos permanentes. Em vez disso, ela superou brilhantemente tudo e concluiu no final da maturidade o ensino médio artístico e agora ela está se preparando para entrar no mundo do trabalho.

Porém, certamente para este desafio, esta sacudida forte que foi a deficiência, que entrou em nossa família, conseguimos lidar, por assim dizer, graças também a ajuda dos amigos que tínhamos ao nosso redor, da família que tínhamos ao redor, e também amadurecendo experiência no Movimento Focolare. Nós imediatamente

percebemos que não poderíamos fazê-lo sozinhos e por isso precisávamos de muita ajuda específica, de tantas possibilidades de apoio que nunca faltaram, tanto como ajuda concreta e como apoio psicológico..

RENZO:

Quando se trata de acessibilidade às pessoas tendem a pensar apenas para essas "coisas arquitetônicas" que dizem respeito às pessoas que têm uma deficiência motora ou visual ou auditiva e não percebem que talvez existam também barreiras que excluem as pessoas que possuem problemas tipo intelectual ou relacional. Em vossa experiência vocês experimentaram alguma barreira desse tipo?

FABIO:

Vou tentar responder a isso. Sim, de fato. Elena não teve nenhum grande problema ligado ao aspecto motor mas certamente existem alguns problemas intelectuais. A coisa que notamos imediatamente é o seguinte: que a pessoa com deficiência é geralmente enquadrada em uma espécie de "recinto" no qual vem definido, vem definido a priori o seu potencial: "isso poderá fazer, isto não poderá fazer, é assim, não é assim..."

Há também um estereótipo ligado a isso: por exemplo, para quem tem Down se diz: Down são pessoas que têm uma propensão particular sobre a música, são particularmente ligados afetivamente, eles são muito carinhosos. Todas essas coisas na realidade não são verdade, porque uma pessoa que tem uma deficiência, qualquer que seja, é logo uma pessoa única, com seus pontos positivos e seu lado negativo, ou seja, seus limites; isso, por sinal, é uma condição de incapacidade que também deve ser visto no que diz respeito a cada um de nós: cada um de nós passa durante a vida através de uma fase de incapacidade, fragilidade e se senão por outro motivo, por se tornar velho.

Então, ver esse "positivo" e "negativo" é típico de qualquer pessoa em qualquer idade da vida. Este olhar, esta maneira de olhar a pessoa com deficiência, era antes o limite que vimos imediatamente nas outras pessoas.

RENZO:

Barreiras são, portanto, estereótipos e preconceitos.

FABIO:

Estereótipos e preconceitos. Naturalmente, temos que ter presente que risco oposto também deve ser levado em conta: o que você vê cada pessoa como capaz de qualquer coisa. Mas, na realidade, há limites, para todos. Eles são diversos: este é um fato fundamental.

Claro, diante dessas coisas também estamos muitas vezes, nos sentimos assustados, certo? Como lidamos com essas coisas? Passamos a lidar com as coisas no momento presente: esta foi um pouco da chave de ver e superar essas dificuldades.

RENZO:

É muito importante o que você diz: Há alguma mensagem que está no coração que vocês gostariam de passar para nós, para ajudar-nos reciprocamente a construir uma sociedade mais inclusiva? O que devemos fazer?

LITZY:

A experiência de 22 anos com Elena foi muito positiva em nos fazer perceber que sozinhos não poderíamos fazer as coisas. Portanto a mensagem mais importante para nós é se unir, trabalhar com cada um com o suas habilidades específicas, com as suas próprias possibilidades, e acima de tudo com uma grande disponibilidade, ouvindo o que o outro pode oferecer a você: um ponto de vista diferente, ajuda, apoio, você realmente não pode fazer isso sozinho. Isso também foi paradigmático vivido na experiência de BASKIN, como Elena pode nos dizer. Porque quando vimos a primeira partida deste esporte tão inclusivo pensamos que poderia ser o esboço de uma sociedade mais inclusiva.

RENZO:

Você nomeou um esporte que provavelmente poucos saibam ainda : BASKIN. Elena, você quer nos dizer o que é o BASKIN?

ELENA:

Certo. BASKIN é mais ou menos como um basquete normal porque na verdade existem duas cestas tradicionais; depois existem outras cestas, mais ou menos no centro do campo, porque eles estão realmente estão na área do

pivô, onde os pivôs têm o papel um e papel dois podem fazer a cesta a partir da cesta mais alta. Em vez disso, os outros que estão em cadeiras de rodas eles cansam mais, que os outros amigos nossos porque se esforçam mais no aspecto motor e então eles fazem cesta a partir da cesta mais baixa.

RENZO:

Eu entendo: então é basquete, no entanto reprojeto de certa forma, que as pessoas possam jogar com suas diferentes habilidades esportivas. Obrigado, muito obrigado por estarem conosco!

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Milão até Belluno (Itália)

Sétima entrevista

Renzo Andrich e Oscar De Pellegrin (Belluno, Italia)

Descrição da imagem: é um homem de pele clara, cabelos prateados, usa óculos e veste blusa verde. Enquanto ele nos fala vemos fotografias onde ele, sentado em sua cadeira de rodas pratica arco e flecha, vibrando com resultado, com sua medalha de ouro no peito, junto com outros dos medalhistas (prata e bronze); recebendo uma medalha de um menino que também está sentado numa cadeira de rodas. Durante a conversa Oscar nos mostra sua medalha de ouro.

RENZO:

Bom dia, Oscar. Obrigado por estar aqui conosco.

Oscar De Pellegrin é de uma pequena cidade montanhosa do norte da Itália (Belluno) e ele é uma pessoa bem conhecida no mundo do esporte. Ele foi campeão nacional e internacional na modalidade de arco e flecha e tiro ao alvo. Ele competiu em seis Paraolimpíadas ganhando duas medalhas de ouro e quatro de bronze. Oscar, você também foi o porta bandeiras da Itália nos Jogos Paraolímpicos de Londres em 2012. Mas, além disso, diga-nos: Quem é Oscar?

OSCAR:

Enquanto isso, cumprimentando a todos. Oscar é uma pessoa que teve a sorte em sua vida de encontrar a deficiência. Eu acredito que a deficiência para mim foi um trampolim (mesmo ouvindo o currículo que você acabou de mencionar) e não foi um limite. Em sua primeira vida ele era uma pessoa de um metro e noventa de altura, ele pesava 80 kg e fazia sua vida. Na segunda tinha 1,50 somente porém eu continuo a empenhar-me, a sentir-me motivado a reapropriar-me da minha vida e o meio extraordinário foi o esporte: o esporte que realmente me deu a oportunidade de descobrir novas habilidades, de engajar-me, porque sem empenho, sem sacrifício não se andaria a lugar nenhum.

Esta é a primeira coisa: que qualquer coisa na vida queremos fazer, alcançar como um objetivo, devemos saber que o empenho, o sacrifício, a vontade, a determinação são uma condição primária.

Na minha vida seguramente eu fiz somente isso, mesmo que seja uma parte bonita, aquela que todo mundo sabe um pouco, mas sou uma pessoa que vive uma vida normal, tenho uma família, um filho adotivo, uma bela vida social com muitos amigos.

Então eu digo, como mencionei anteriormente, que a minha sorte foi ter encontrado essa deficiência mas acima de tudo superá-la. Isso me deu um grande força de vontade e ânimo, especialmente para viver a vida que não é fácil mas que também visa ajudar os outros.

RENZO:

Obrigado Oscar, mas escuta, eu tenho uma curiosidade: Não é que você tem uma medalha de ouro na ponta dos dedos e você pode mostrá-la?

OSCAR:

Eu acredito que, dada a audiência, este também é um estímulo belo para se ver. Bem, esta medalha é a que eu ganhei em Londres em 2012. Foi minha última participação, e também a mais bonita porque eu também era o porta bandeira, e então eu derrubei aquela ideia de que o porta bandeira não costuma ganhar medalhas. Em vez disso, voltei vitorioso, e foi um grande resultado porque alcancei meu objetivo: e permanecerá sempre uma marca indelével dentro de mim.

RENZO:

Mamma mia que emoção, existia em todos nós naquele dia! Escuta, nós sabemos que você ainda é ainda ativíssimo no mundo do esporte a nível nacional italiano mas também internacional, porém você é também muito empenhado socialmente, engajado ajudando muitas pessoas, muitos jovens com deficiência, a buscar sua própria autonomia.

OSCAR:

Sim, meu empenho, uma vez que minha carreira competitiva acabou, foi direcionado à gestão esportiva porque eu acredito que trago uma experiência de tantos anos no campo no interno dessas federações, onde você precisa manter o objetivo, que é o atleta, portanto tudo deve girar em torno do atleta e não outras escolhas.

Depois, a vontade de fazer crescer tantos jovens através do esporte e, portanto, dedicar-me aos outros mas acima de tudo, aqui está a parte mais bonita: o que realmente me dá mais satisfação é a parte social, aquele em que você se dedica ao outro sem ter o desejo, sem ter o objetivo de receber algo: esta é a verdadeira ajuda. Eu acredito que a pessoa que está em dificuldades, se alguém tem olhos para vê-la, você deve pelo menos tentar ajudá-la, para tirá-la dessa situação difícil.

Portanto essa associação que eu criei há dez anos não faz outra coisa senão criar o melhor condições, porque cada pessoa possa através de atividades relacionadas (acolhimento, motivação, formação e assim por diante) ser capaz de dizer: "Ok, se eles fizeram isso, eu posso fazer também." Acredite, esta é a maior satisfação, porque quando você ajuda uma pessoa e vê que ela faz isso, eu acredito que esta é a medalha mais bonita, não a que eu te mostrei sobre Londres.

RENZO:

Então você também tem um conhecimento de tantas outras pessoas, de tantas outras histórias pessoais. Com base em sua experiência, quais são na sua opinião, as principais barreiras que ainda devemos remover e erradicar na sociedade? Em particular, o que você diria para as novas gerações, que, ao contrário do nossa, estão demonstrando uma sensibilidade aguçada sobre os temas do amor ao planeta, para uma sociedade sustentável e, portanto, também para uma sociedade inclusiva (porque uma sociedade não é sustentável se não for inclusiva)?

OSCAR:

Acho que temos que trabalhar muito sobre a inclusão de qualquer pessoa porque, eu sempre digo, a barreira arquitetônica, com a ajuda de cada um de vocês eu posso superar os degraus, mas a a barreira mental que dói; a barreira mental coloca um muro na sua frente que não te permite ter um diálogo em igualdade com o outro.

Portanto a dificuldade é essa. É fundamental avaliar as pessoas que temos à frente pelo que elas sabem transmitir para nós, não por causa de sua condição. Acredito que a sociedade de hoje pode transferir essa grande mensagem que também vem do mundo paralímpico. O crescimento cultural que tivemos nos últimos anos pode ser um elemento que leva ao raciocínio e fortalecimento cada vez maior o mundo sustentável.

O mundo sustentável, o mundo inclusivo que queremos é exatamente isso: quando não falaremos mais sobre deficiência mas cada pessoa será capaz de ser autônoma dentro deste mundo e também a pessoa com deficiência poderá ajudar, a melhorar nosso planeta.

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Belluno (Itália) à Porto Alegre (Brasil)

Conclusão

Rita Bersch (Porto Alegre, Brasil) e Renzo Andrich (Belluno, Itália)

RITA:

Quantas experiências, quantas histórias! Tantas mais haveriam no entanto, por razões de tempo, não podemos contar-lhes agora! Mas estamos apenas no início do nosso projeto, e queremos dizer algo sobre o que nós desejamos fazer.

RENZO:

Existem muitas pessoas e organizações da sociedade civil que em várias partes do planeta estão trabalhando por um mundo mais acessível e inclusivo. O nosso projeto deseja unir -se a este empenho global, trazendo uma contribuição inspirada na cultura da unidade, que é a dimensão fundadora do Movimento dos Focolares. Conheceremos muitas experiências concretas de vida e empenho social de pessoas que vivem

pessoalmente situações de deficiência ou que estão em contato, nos mais variados níveis: testemunhos de como a experiência vivida do limite é capaz de iluminar o pensamento e a ação necessários para envolver as comunidades de forma verdadeiramente inclusiva.

RITA:

O projeto é dividido em três fases: Aprendizagem, Atuação, Compartilhamento. Agora estamos na primeira fase, aprendendo: estamos reunindo experiências vividas em várias partes do mundo e nascidas de pessoas com deficiência, de pessoas envolvidas com a deficiência em vários níveis, que também conseguiram depositar uma "semente do mundo unido" em seu ambiente, marcando um passo de desenvolvimento para uma sociedade mais inclusiva. Faremos vários seminários online com base nessas experiências.

RENZO:

Na segunda fase – atuação – prevemos diversos eventos dedicados ao aprofundamento, ao confronto, à discussão interdisciplinar sobre essas questões, co-projetando ações específicas a serem realizadas na terceira fase.

RITA:

Quer participar, quer colaborar, quer compartilhar sua experiência? As informações e as referências necessárias estão no site do projeto: www.aeis.cloud.

RENZO:

Concluimos nossa conversa com um filme breve (gentilmente cedido pela Fundação Dolomiti Unesco). Um filme que nos leva à natureza, lembrando de alguma forma o binômio ambiente-humanidade, tão importante na ideia de "ecologia integral" a partir da qual iniciamos. Vamos mergulhar por um momento nas Dolomitas, belas montanhas nos Alpes italianos recentemente reconhecidas pela UNESCO como um "Patrimônio Mundial", e por isso, um patrimônio para todos. Será um passeio juntos, cada um com os meios adequados às suas necessidades de mobilidade, para desfrutar de um mundo em que tudo, até mesmo o ambiente natural, seja acessível.

RITA:

Obrigado por estar conosco!

Descrição da imagem: Sobre o mapa mundi é traçado o caminho que vai de Porto Alegre (Brasil) à Dolomiti (Itália)

Filme: Dolomitas acessíveis: uma herança para todos

Descrição da imagem: Ao fundo estão as montanhas, o céu e as nuvens. Sobre esta a imagem aparece o logo da UNESCO / Dolomites Patrimônio Mundial desde 2009 / Dolomites Fundação UNESCO

Cenas aéreas das montanhas nevadas. Um grupo de pessoas se prepara para caminhar. Vemos detalhes da montagem de cadeiras de rodas: mãos que juntam peças, apertam parafusos, rodas que giram.

Em uma trilha em meio a um bosque, algumas e pessoas andam com suas mochilas coloridas e roupas quentes. O mesmo caminho é percorrido por cadeiras de rodas e scooters. Há uma passarela em madeira.

O grupo, lado a lado, caminha numa estrada larga e ao fundo estão as montanhas nevadas. No céu estão muitas nuvens brancas e há pouco azul. O caminho se faz em um campo entre o bosque, uma ave voa alto. Ao pé da montanha vemos árvores, plantas e gramado. As grandes montanhas estão sempre mais próximas e a trilha leva o grupo para a base onde todos começam a subir. Quem está na cadeira de roda manual recebe ajuda dos companheiros na subida. Vemos detalhes de diferentes cadeiras, os rostos estão felizes, um ajuda o outro a vestir o casaco. Na subida aparecem mais árvores e a belíssima paisagem mistura plantas, céu, nuvens e paredes de pedra. As scooters e cadeiras manuais seguem o mesmo percurso íngreme com o grupo. Ao caminhar sobre a neve as cadeiras são puxadas com auxílio de cordas. Todos param para apreciar um belvedere e festejam a chegada ao topo. Neste momento lemos a frase: Dolomitas um patrimônio mundial para todos. www.visitdolomites.com Logotipos de vários apoiadores e por fim logo do Ministério da Cultura e Turismo